

# L E T U R A S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 06 Brasília, 08 de junho de 1963

## Lei Orgânica do Distrito Federal

CÂMARA LEGISLATIVA

*A lei  
do povo*

## Lei Orgânica do Distrito Federal

## Lei Orgânica do Distrito Federal

*Autonomia nasce  
com JK*

Pag. .... 3

□ 220 ANOS DE TRADIÇÃO NO PLANALTO

# Festa do Divino em Planaltina

Uma das festas mais populares do interior Brasileiro, segundo o articulista, tem sua origem registrada na História em Portugal. Com a vinda dos lusitados, aos poucos, os brasileiros adotaram o folclore lembrando as refregas dos mouros.

**SALVIANO GUIMARÃES**

Deputado Distrital

seus interesses e características culturais os preceitos da liturgia católica que regiam (ou deveriam reger) a festa.

Inicialmente - dentro dos preceitos da Igreja, a Festa do Divino corresponde ao Pentecostes, isto é, a comemoração da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. No Livro dos Apóstolos (2-14) está escrito o seguinte: "E apareceram-lhes umas línguas de fogo, que se repartiram e pousaram sobre a cabeça de cada um. E foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em várias línguas, como o Espírito Santo lhes permitia que falassem".

Entretanto, componentes profanos sempre estiveram nesta manifestação, interligados aos religiosos.

Um exemplo disso é que, nas procissões orientadas pela Igreja, onde vai o Imperador, ou no levantamento do mastro, manifestação sabidamente popular, a bandeira nele colocada vem de dentro da igreja, em procissão, após missa ou novena. (N.R. Bonfiglioli. Folclore do Divino 1984).

Mas naturalmente, esta função, com o correr dos tempos, evoluiu para um sentimento e uma necessidade social muito mais intensa, onde todas as pessoas

da coletividade ajudam com esmolas ou com ofertas de seu trabalho na preparação dos enfeites, da comida a ser servida ao povo, na ornamentação das ruas e das igrejas. Enfim, todos trabalham e se divertem juntos.

A procissão sai às ruas das Vilas, alvora e percorre as fazendas da região sempre levando as bênçãos do Divino, que absorvidas por toda gente evolui do cerimonial religioso para se transformar num momento de alegria, desprendimento e congratamento transformando-se daí na Folia de Rua e na Folia da Roça.

**Os Ritos Antigos**

A folia, a princípio, levava

um ou dois violeiros, um tamboreiro, moleque dos ferrinhos e dos pandeiros, e um trovador. Lá a bandeira ou uma haste metálica com a pombinha do Divino. Saía a pé ou a cavalo, percorrendo a zona rural ou a cidade durante semanas. Depois seus elementos foram diminuindo até que o trovador passou a porta-bandeira. O violeiro era sempre improvisador. Na roça havia pouso da folia com jantar. Ao regressar à casa do festeiro cantava-se assim:

"Deus te salve a casa santa

onde Deus fez a morada onde mora o cális bento e o hóstia consagrada".

"Na festa havia novena, leilão, levantamento de mastro, pau-de-sebo, ronqueiras e rojões, fogueiras, ceia na Casa do Império e distribuição de gêneros alimentícios aos pobres. Para as pessoas mais importantes, baile à européia; para o povo, cateretê.

O imperador dentre os candidatos espontâneos ou indicados pela comunidade era sorteado ou eleito pelos fiéis durante a missa. Tal sorteio se fazia durante o ofertório quando o celebrante comunicava a todo povo o nome de cada um dos candidatos, colocando-os numa salva ou saquitol de onde uma criança retirava a sorte grande. Este era o Imperador para o próximo ano!

Os demais candidatos eram também sorteados e passavam a ocupar os outros cargos:

## Lei Orgânica: atuação parlamentar



**Tadeu Roriz**  
PP

A primeira Lei Orgânica do Distrito Federal está pronta e apesar do atraso na elaboração não podemos nos queixar; afinal, não seria em alguns poucos meses que teríamos condições de preencher uma lacuna que não ocupamos nesses 33 anos de existência de Brasília.

Como Parlamentares, tivemos a grande responsabilidade de escrever a primeira Carta Magna do DF e não foi fácil. Procuramos, democraticamente, ouvir toda a população, que culminou em quase 5 mil sugestões.

Minhas sugestões englobaram as necessida-

des mais básicas das comunidades que residem no DF, tanto na criação de novos empregos, no aprimoramento do ensino público e no atendimento hospitalar, na proposta mista de concessão de uso, arrendamento ou titulação de terras por trabalhadores rurais, na participação dos empregados na administração das empresas e também no incentivo ao esporte e ao lazer.

Procurei, através de propostas e emendas, dotar o Distrito Federal de condições que o tornem independente não apenas política e financeiramente, mas principalmente na autogestão, se liberando das garras que o prendem a outros estados.

Nossas contribuições, contidas no texto da Lei Orgânica propiciarão o desenvolvimento do pólo industrial do DF, mas, ao mesmo tempo, dotarão nossa cidade de um orçamento maior, que dê apoio às políticas sociais e econômicas conquistadas.

Mas nosso trabalho não acabou. Nossa contribuição entrará agora na fase mais difícil, principalmente para nós, parlamentares, que utilizaremos nosso mandato para fiscalizar o cumprimento de cada artigo.



**Wasny de Roure**  
PT

Nosso trabalho na elaboração da Lei Orgânica deu-se, principalmente, nas questões de natureza orçamentária e tributária, na área de ciência e tecnologia, na de comunicação social, algumas questões na área de educação, saúde e assistência social, e na garantia dos direitos dos servidores do GDF.

Na educação, podemos salientar a obrigatoriedade da presença de orientadores educacionais nas escolas do DF e as medidas para erradicar o analfabetismo no DF, em dez

anos, com a participação de entidades da sociedade civil. Na área de saúde, a maior conquista foi o artigo que garante a promoção e restauração da saúde psíquica do indivíduo, sem o uso de celas fortes e outros procedimentos desumanos, dando preferência aos hospitais-dia e atendimento ambulatorial.

Na comunicação social, destacamos a criação do Conselho de Comunicação Social do DF, que foi uma conquista da participação popular na elaboração da Lei Orgânica, dando à questão um tratamento de política pública. Na de ciência e tecnologia ficou a garantia da Fundação de Apoio à Pesquisa, com percentual orçamentário, além da formação do Conselho e do plano de carreira.

Na área de assistência social, foi garantido o tratamento da mesma como política pública e não como mero assistencialismo. Por último, destacamos a co-gestão nas empresas públicas e a participação popular no processo de orçamento, dentro das questões econômicas.

Mordomo do Largo  
Mordomo da Barraca  
Mordomo da Fogueira  
Mordomo do Mastro  
Procurador da Sorte.

Os Foliões da Rua e da  
ca responsáveis, além das  
Religiosas, pela parte  
popular e folclórica dos fes-  
tos, eram sempre escolhi-  
dos ou sorteados durante as  
pectivas Foliás, após se-  
n seus nomes aprovados  
um Conselho formado  
os ex-Foliões onde ini-  
ciou-se o Folião do Ano.

Os competia a preparação  
das Foliás. Os juizes da Mis-  
eram todos os membros  
comunidade que se ins-  
criam ou eram indicados  
para colaborar com a Festa.

A Festa na Região do Pla-  
to e em especial na Vila  
Mestre D'Armas — Pla-  
tina — embora com al-  
mas interrupções, sem-  
pre foi realizada mesmo que  
enas com poucos fiéis e  
na pequena organização  
das bandeiras, a coroa do  
imperador, para abençoar as  
casas e seus moradores no  
imprimido de suas pro-  
cessas e para recolher os  
nativos.

O dono da casa retribuía  
um café, bolo de mandioca,  
dois caseiros e, com o  
decorrer dos anos, a Igreja  
católica apoiou e participou  
da iniciativa.

## Tradição Atual

Hoje a Festa se mantém  
fundamentalmente como  
evento religioso, como uma  
homenagem e um culto de  
gradecimento às bênçãos  
do Divino com um desdo-  
ramento profano expresso  
nas manifestações dos foli-  
ões.

O ordenamento se dá a  
partir do Calendário Eclesi-  
ástico da Igreja que fixa o  
dia de Pentecostes — sendo  
portanto uma festa móvel  
em relação ao calendário  
gregoriano.

A cada ano é escolhido o  
imperador, os Foliões da  
Rua e da Roça, os Mordo-  
mos, o Procurador da Sorte  
e os Juizes da Missa.

O imperador — símbolo do  
poder terreno — representa  
o povo submisso e devoto  
ao Poder Divino, ele deve  
na sapiência aos dons do  
Espírito Santo que o coroa e  
faz imperador por um ano.

Simbolismo do Poder do  
Espírito Santo se fazia inici-  
almente escolhendo-se para  
imperador uma criança, que

com o correr dos tempos e as  
injunções sócio-culturais  
passou a ser uma pessoa de  
mais idade e que já tivesse  
angariado um respeito da  
comunidade.

Inicia-se a festa com o Sor-  
teio e a transmissão dos car-  
gos.

Em torno dos Foliões da  
Rua e da Roça junta-se a  
comunidade doando pren-  
das e participando da prepa-  
ração da Festa.

Nove dias antes do do-  
mingo de Pentecostes na ci-  
dade — "Rua" — reza-se a

"A Folia" é efetuada por  
ocasião da Festa do Divino e  
os devotos que carregam a  
Bandeira do Divino formam  
o "bando precatório", que  
percorre as casas em busca  
de prendas, votos ou pro-  
messas. A bandeira vai à  
frente carregada por um  
"bandeireiro, cuja herança  
do cargo, geralmente passa  
de pai para filho. Na ponta  
do mastro está a Pomba do  
Divino, representando a  
Santíssima Trindade, cheia  
de fitas coloridas, cada fita  
representando um ex-voto.  
Segue-se a musicaria (vio-

O giro da Folia termina  
com um almoço para toda a  
comunidade.

## A FOLIA DA ROÇA E OS POUSOS DE FOLIA

A Folia da Roça "Alvora"  
nove dias antes do dia de  
Pentecostes em uma Fazen-  
da da Região de preferência  
na do Folião da Roça. Esta  
Alvorada é feita com reza,  
missa e cantório, um jantar  
e a apresentação de danças  
típicas e a festança geral.

No dia seguinte após o ca-  
fé da manhã preparam-se os



Motivo do  
cartaz da  
festa deste  
ano.

novena que a cada dia tem o  
patrocínio de um morador  
previamente inscrito.

No sábado, imediatamen-  
te anterior, às 7h da manhã  
celebra-se a Missa do Folião  
de Rua que em seguida per-  
corre a cidade a pé com o  
imperador portando a ban-  
deira do Divino para aben-  
çoar as casas e a coroa imperi-  
al que recebe as oferendas.

Festa do Divino é realiza-  
da por etapas: Folia do Divi-  
no, Pouso, Leilão, Encontro  
das Bandeiras e Procissão.

las, caixas, rebeca, choca-  
lho, reco-reco e adufe).

Logo atrás vem a Banda  
constituída de homens, mu-  
lheres e crianças, e o canto é  
bastante triste, acompa-  
nhado por estribilho vocal.

O Leilão é feito na sexta-  
feira, no largo da Matriz.

A Folia, com o Alferes da  
Bandeira, o caixa, o triângu-  
lo e a vida canta o 'Deus le  
pague a boa esmola, dado de  
bão coração, no reino do céu  
se veja o sinhô e sua gera-  
ção'.

cavalos, juntam-se os tra-  
lhas, serve-se o almoço e os  
Foliões do Divino seguem  
sua jornada em mais oito  
pousos, onde se repete o  
mesmo cerimonial, até che-  
gar à Rua.

Na tarde do sábado, após o  
almoço do Folião da Rua  
juntam-se os cavaleiros para  
uma competição onde jul-  
gam-se os avanços, a potên-  
cia e a qualidade de seus  
companheiros de serviço - o  
cavalo.

À noite, a festa é dos ho-  
mens que apresentam neste

encontro a sua música e as  
suas danças, sempre ligadas  
à vida no campo e conheci-  
das entre nós como Catira e  
Curreleira.

E esta dança nada mais é  
do que uma roda de ciranda,  
mas ciranda de adulto, e  
bem diferente da ciranda de  
Pernambuco, da ciranda do  
Páteo de São Pedro, da ci-  
randa que se faz na Casa da  
Cultura do Recife. Ela se faz  
em roda geral, no sentido  
solar, lunar, anti-relógio, pe-  
la direita. Cada par vis-à-vis  
onde cada dançador avança,  
ora pela direita, ora pela es-  
querda, ziguezagueando e  
cantando quadras em coro,  
com uma característica bastan-  
te peculiar: na dança da  
Catira e Curreleira existe  
compasso.

Domingo bem cedo, jun-  
tam-se os Foliões no café  
oferecido por um morador,  
todos vão chegando com a  
melhor roupa, camisa est-  
ampada, calça de algodão  
de tecido feito a mão, bota  
ou botina, espora, currião de  
couro forte, chapéu de palha  
ou de massa e lenço no pes-  
çoço.

Chegam montados nos  
melhores animais, aqueles  
bons de sela, com arreios  
pantaneiros ou de cabeça,  
manta, baladrans, porta-  
capas de couro com franjas,  
peiteiras, rédeas e cabeça-  
das com argolas de metal,  
laço de banda, facão e ber-  
rante.

Após o café, recebem as  
bandeiras do Divino e se-  
guem para a Missa do Foli-  
ão, ponto alto da Festa, ali  
perante o altar prestam suas  
homenagens a Deus, can-  
tam e oferecem suas pren-  
das.

Terminada a Missa do Fo-  
lião saem em cortejo pelas  
ruas e praças portando as  
bênçãos do Divino a todo o  
povo e pedindo as graças pa-  
ra o próximo ano.

Das paradas nas casas pa-  
ra a reza, o cantório e o pa-  
gamento das promessas  
quando se distribui o café  
com biscoito até o almoço de  
congratamento entre ho-  
mens da roça e da cidade  
um espírito de participação  
os une e nos dá a caracterís-  
tica marcante desta Festa —  
a solidariedade.

À noite encerra-se a festa  
com a Procissão Solene do  
Imperador até a Igreja, a  
Missa e a transmissão dos  
cargos, quando renovam-se  
os homens e reinicia-se a  
festa para o próximo ano,  
perpetuando-se o Culto ao  
Divino Espírito Santo, que  
traz no ritmo arrastado da  
música uma quadra de pro-  
fissão de fé e súplica.

"Divino Espírito Santo  
Divino Consolador  
Consolai as nossas almas  
Quando deste mundo for"



## Estante

### Homenagem a Pompeu

Em homenagem ao jornalista e senador Pompeu de Sousa, o homem que revolucionou o jornal brasileiro e foi pioneiro na luta pela representação política do DF, o comitê de imprensa da CLDF passará a se chamar Sala Pompeu de Sousa.

■ ■

### Almoço com o Escritor

O professor Alan Viggiano inaugurou, no último dia 29, no Café e Bar Belas Artes, o projeto "Almoço com o Escritor", quando um ator fez a leitura de trechos dos originais de seu novo romance. Regado a música e muita conversa, o projeto será desenvolvido aos sábados, ao meio-dia no café Belas Artes, sempre com a presença de uma personalidade local, sob o comando do professor e poeta Gustavo Dourado (Amargedom).

■ ■

### ANE dicionariza escritores

A Associação Nacional dos Escritores — ANE, está elaborando um dicionário de escritores de Brasília, visando a dar ao público um livro de consulta sobre os escritores que residem ou tenham residido nesta capital.

A idéia da ANE é constatar do dicionário um verbete referente a cada escritor. Os dicionarizados nada pagarão pela participação. Os interessados deverão preencher uma ficha de dados que pode ser adquirida através do telefone 243-9049, com o escritor Napoleão Valadares ou com o jornalista Luis Rocha, do DF Letras, no tel. 347-5128.

## Poetas Bissexto

Os bissexto são espécies diferentes dos poetas cotidianos. O bissexto é geralmente um árduo ensaísta ou romancista que pela disciplina de ofício expõe, de tempos em tempos, reflexões poéticas. É o caso do jesuíta espanhol-goiano Luis Palacin, historiador, ao pensar no mais castiço português, os seus 60 anos de vida. E Paulo Bertran, também historiador, jornalista e ensaísta, pela primeira vez nesta década, publica um seu poema.

## AOS 60 anos

Deve haver menos luz em meus olhos, lixados pelo tráfego dos anos, deve haver menos vento em meus antolhos, orçados pelos lentos desenganos.

Mas desta cabotagem pela dor da procura, que chamam experiência, hoje me resta um âmbito interior e um esperar maduro de indulgência.

Nos rápidos do tempo que devora lembranças e desejos, a alegria dos pequenos orgulhos e a vergonha,

a sede de viver e toda mora, mais me admiro entro os homens cada dia deste estranho animal que sofre e sonha.

**Luis Palacin**

## Noites Antigas

Matéria viva. A vida queima os dedos e escorre da concha das mãos Pelo chão que pode tudo.

Só não as flores que o coronel Fawcett materializava nas noites de Cuiabá (porventura frias?) em 1925.

Que sabemos nós, homens de escritório, à espera da morte entre cliques de papel e cadeiras que a morte põe de aluguel no Escritório? Que sabemos das flores de 1975, ou de qualquer flor de plástico

que a incomensurável metáfora da vida e o piedoso engenho humano fazem adquirir na feira do Guará?

Que sabemos nós dessa intolerável quente matéria da vida que derrete nas mãos como chumbo e como sorvete?

Só não nas noites inescrutáveis de 1925. Noites antigas. Com calma luzes caem pousam pálidas bênçãos no tripartite leito onde pai, filho e mãe dormem, Em 1925. Em 1987. Eternamente

**Paulo Bertran**

## Poetas de Brasília

Brasília, a esfinge cotidiana, é objeto permanente inquietação de seus poetas. Nesta página Olivia Volker Rauter e Nubia Soares Rolim citam seus ícones da cidade e do cerrado, incorporados ao movimento das dúvidas e certezas de Brasília.

### Olivia Volker Rauter

Cerrado, Encerrado no mistério das árvores retorcidas pelo tempo, pela chuva e pelo vento, pela chama,

Encerrado na beleza das cores, das folhas e das flores que renascem a cada Primavera...

Encerrado na magia do canto do bem-te-vi e no passo manso do tamanduá-bandeira,

Encerrado no templo que é o cerrado, está o enigma da própria vida, a ser descoberto dia-a-dia, passo a passo, até o momento da comunhão.

O homem se confunde com a terra crestada e dura, vermelha como o sangue que jorra silencioso para alimentar o homem.

Em cerrado não se fala. Se contempla e se ora.

### NUBIA SOARES ROLIM

Brasília sutilmente se encanta Com a chegada desse dia Em brasa e ilha Suave Brasília.

Ruas descalças Livre e nuas Ainda menina.

Luva nova e céu aberto Esculpidos no plano No alto, no planalto.

Veio mirar a sua flexa O seu cupido de luz Que tocou a natureza Viva e humana da história.

Presente imagem imortal Descendente patrimônio Sagrado e memorial Entregue às mãos divinas Eternamente Brasília.

## Se... É normal

Se Deus é eterno, porque não tendo princípio, não terá mais fim, é normal que o homem tendo início e não mais fim, seja imortal.

Se Deus é Aquele que é, e se comunica em eterna novidade una e trina, é normal que, feitos à sua imagem e semelhança, animemos comunidades.

Se Deus é amor que tudo realiza transbordando-se espontaneamente, é normal que nos amemos em obras e palavras conscientes e abundantes.

Se Deus é luz que torna patente as coisas e pessoas na sua essência, é normal que sairmos o quanto antes das trevas, vivendo às claras.

Se Deus é caminho de todos para que ninguém fique errante, sozinho, é normal que enquanto peregrinos busquemos o bem em tudo e por tudo.

Se Deus é verdade para todas as idades e situações de vida, é normal que ninguém desconheça, mas viva coisas verdadeiras.

Se Deus é vida em si e fonte de vida para tantos reinos, é normal que deixemos de vegetar e procuremos reviver os sentimentos.

Se Deus é fonte d'água viva à beira da nossa estrada, é normal que não soframos desidratação espiritual na caminhada.

Se Deus é pão que desceu do céu de corpo e alma para todos, é normal que nos alimentemos D'Ele enquanto nesta terra.

Se Deus é bom Pastor buscando quem está fora dele e em perigo, é normal que sejamos ovelhas dóceis às divinas insinuações.

Se Deus é Aquele que ama a quem dá com alegria ao bem, é normal que eliminemos de nossa vida tudo que alimente tristeza.

Se Deus é a nosso favor, porque por primeiro tanto nos amou, é normal que nada nos atingirá, porque contemos o Tudo de todos.

**Deputado Padre Jonas**